



AOS PROFESSORES

Algumas palavras sobre o livro como um todo:

Realização em Super 8 destina-se a uso nos programas de educação geral em escolas secundárias e colégios. Leva principiantes através de todos os passos da produção de filme de Super 8 mm, inclusive a preparação de trilha sonora em cassete ou em pista magnética no filme. A ênfase é dada na realização individual e não na de equipe. Assim, se você basear um curso no livro, terminará o período letivo com tantos filmes acabados quantos forem os alunos. Então, você poderia perguntar: como a escola fornecerá equipamento a cada estudante para produzir seu próprio filme? A resposta é que a escola não precisará investir muito em equipamento para lançar um programa de realização de filmes. Isso porque *Realização em Super 8* trata estritamente de câmaras, projetores e gravadores de fita comuns, que estudantes, provavelmente, possuem ou podem facilmente tomar emprestados de amigos e parentes. A única coisa de que a escola precisará é de um modesto estoque de equipamento de apoio para estudantes que não tenham tido a sorte de conseguir equipamento em outros lugares.

Este é o sistema que usei em minhas classes de realização no Fresno City College. Deu resultados muito bons, embora grande parte de meus alunos não possua muito dinheiro disponível. Por isso, você não encontrará neste livro muita informação sobre os novos sistemas acoplados de som sincronizado Super 8, que talvez sejam mais apropriados para classes de realização, orientadas em grupo ou para treinamento pré-vocacional.

Reduzindo ao mínimo as necessidades de equipamento, eu economizei de fato muito espaço para discussão da realização de filme em seus aspectos conceituais e teóricos, o que tenho a dizer nesse sentido complementar o material estético que for apresentado em aula.

O livro espera que cada estudante faça um filme moderadamente ambicioso durante o período letivo, em lugar de diversos filmes mais curtos ou exercícios. Contudo, penso que você achará o livro suficientemente flexível para ajustar-se a seus propósitos.

O livro dá ênfase à realização de filme de enredo, mais do que a documentários e formas abstratas de cinema experimental. Minha experiência mostra que, quando o estudante tem oportunidade de escolher assuntos e abordagens, tende a preferir formas de enredo a todas as demais.

Espero que meu livro seja lido de qualquer destas duas maneiras: diretamente até o fim, ou como instrumento de referência. Os leitores que forem diretamente até o fim encontrarão algumas repetições e sobreposições, em atenção àqueles que usam o livro como instrumento de referência e desejam saber como os passos separados de realização se relacionam com outros passos e com o filme acabado. Outra maneira de encarar as sobreposições é que servem a uma função de resumo e revisão para os leitores que forem diretamente até o fim, sendo por isso pedagogicamente úteis.

Meu único pesar é o livro não conter mais fotografias e material gráfico. Nós (eu e a boa gente da Reston que ajudou a fazer o livro) decidimos suprimir muito material visual a fim de reduzir a extensão e o custo da obra. Lamento também que muitas ampliações de fotogramas de Super 8 contidos no livro não estejam mais nítidas, mas isso é consequência da limitação técnica da ampliação.

James Piper



INTRODUÇÃO

MUITA COISA TIRADA DE POUCO

Se você pegou este livro e ficou com ele alguns minutos, você pode ser o tipo de leitor que espero atingir. Deixe-me adivinhar. Você pensa que quer fazer filmes — filmes ricos em idéias, não apenas filmes domésticos. Sua dificuldade é não ter muito dinheiro e não saber como começar. Talvez tenha olhado outros livros sobre filmagem, mas achado a maioria deles inadequada porque trata de equipamentos e processos muito além de seus atuais recursos financeiros ou porque lhe deram a impressão de ser pouco mais do que guias para realizar melhores filmes domésticos. Você está à procura de uma terceira abordagem, alguma coisa mais ambiciosa do que filmes domésticos, mas menos intimidadora e menos cara do que realização de filme em grande escala. Se assim é, este livro lhe servirá. Explica como planejar e realizar filmes baratos, mas de valor, baseados inteiramente em câmaras cinematográficas de Super 8 mm e equipamento de gravação comum.

Esta terceira abordagem da realização de filme merece um nome: *Realização em Super 8*. Espero com essa denominação sugerir uma noção de envolvimento e uma vontade de comunicar que se assemelha à maneira como poetas e pintores encaram seu trabalho. Realmente, existem milhares de realizadores independentes no país; em sua maioria, são jovens e continuarão sendo amadores. Seus filmes não são adequados para distribuição em massa ou exibição para platéias diversificadas. Mas esses cineastas sentem prazer em exhibir seus filmes uns aos outros e a grupos interessados em suas escolas. Ocasionalmente, entram em concursos cinematográficos nacionalmente conhecidos e alcançam público mais amplo. A seguir, há um relato sobre o nascimento, crescimento e acabamento de um premiado filme amador de Super 8 mm. Diz mais do que eu poderia dizer a respeito do espírito do realizador independente.

O Filme “Profissional” Amador

por Kerry Levitt*

Fazer um filme na base de amador com qualidade suficiente para conquistar o primeiro lugar em um concurso nacional foi trabalho muito longo.

Comecei com meu equipamento e minha idéia exposta em um roteiro completo.

Meu equipamento incluía uma câmara com zoom, na qual eu podia obter fusões, escurecimentos, animação e outros efeitos. Eu trabalho em base financeira que me conserva no Super 8 mm, mas posso obter efeitos de 16 mm.

Meu roteiro consumiu quatro dos oito meses que levei para fazer o filme. Intitulado “Descoberta na Escuridão”, o filme estava muito próximo de meus sentimentos pessoais. Este é o resumo do argumento e do tema. No começo do filme, ficamos sabendo que o adolescente que vemos em várias cenas caminhando deprimido, acabou de ser solto de uma instituição correcional. Esta parte do filme foi tomada no centro da cidade entre multidões de pessoas. Dessa maneira, o rapaz diz como se sente separado de todos. Acha difícil reiniciar uma vida normal e sente que está sendo estigmatizado e marginalizado da sociedade. Os espectadores descobrem tudo isso enquanto o rapaz conta sua história na trilha sonora gravada em fita. O rapaz volta-se depois para seu interesse — música — e descobre que é capaz de expressar seus sentimentos para demonstrar sua personalidade modificada. Seu pai, a princípio, não vê as mudanças e planeja mandar o rapaz para uma escola particular. Ao descobrir os longos manuscritos de música em que seu filho esteve trabalhando, o pai percebe que música significa muito para ele e vê a mudança.

Meu roteiro final incluía todas as cenas. Comecei a filmagem efetiva dois dias depois de deixar a escola para as férias. Descobri os atores meses antes e procurei explicar-lhes da melhor forma possível o que era necessário para aparecer em um filme. O rapaz que empreguei parecia-se muito com John Lennon, o que ajudou. Ele era também consumado guitarrista e realmente escrevi o roteiro tendo em mente sua fisionomia e seu caráter. Arranjei um professor de dicção para fazer o papel de seu pai. Outros que apareceram no filme eram guitarristas e bateristas que conheço através de minhas relações musicais.

Representação foi coisa natural para Karl, o protagonista do filme. Ele estava dentro do papel e tudo quanto eu tinha a fazer era extrair emocionalmente seus sentimentos durante a filmagem. Eu tinha regras para isso. Primeiro, só ele e eu podíamos permanecer no lugar onde estivéssemos filmando — ninguém mais. Para que o filme saísse com um roteiro tão exigente, ele precisava ter uma representação sensível. Eu falava com Karl, a fim de prepará-lo para o clima da filmagem. Muitas vezes eu continuava falando com

* Reproduzido com permissão da revista *Bolex Reporter*

Karl enquanto a câmara funcionava, dizendo-lhe ainda: “Você está sozinho e está confuso. Você não sabe o que fazer no mundo.” Penso realmente que se pode obter mais de um ator amador no filme, do que no palco.

Um problema é que em Akron, Ohio, onde fiz o filme, não são muitos os adolescentes que se dedicam à realização cinematográfica. Algumas escolas secundárias mal iniciaram aulas de cinema, mas isso é tudo. Preciso convencer um amigo sobre minha seriedade em relação ao cinema para que ele seja capaz de ver que não se trata de brincadeiras com filme doméstico. Depois, ele se mostra disposto a participar de um filme.

Outro problema na realização de meu filme foi rodá-lo entre pessoas que nunca antes tinham ouvido falar de um adolescente fazendo filme. Filmei dentro de uma loja de discos, de uma loja de música e na rua principal no centro da cidade de Akron. As pessoas estavam sempre dispostas a aproximar-se e entabular conversação. Embora isso possa parecer mesquinho, a única maneira de fazer as coisas é ignorar totalmente as pessoas que ficam ao seu redor olhando, enquanto você decide se lhes explica o que está fazendo.

Se não filmo direito uma cena, da maneira como planejei, faço-a de novo até sair direito. Às vezes, filmo uma cena quatro ou mais vezes. Não me contento com nada mais ou menos direito, porque sei que depois me odiarei por não haver refilmado no local e no momento.

Fazer um filme exige um esforço totalmente organizado e a única pessoa que sabe como todas as pequenas peças do trabalho se ajustam é o próprio realizador do filme.

Alguns trabalhos cinematográficos que faço são baseados em outros filmes profissionais. Quando vejo idéias cinematográficas impressionantes e criativas em matéria de montagem ou trabalho de câmara, anoto-as em uma lista, a fim de poder usá-las mais tarde.

Um exemplo é o tipo de mudança de seqüência visto em “Love Story”. Estamos em uma seqüência e uma fração de segundo depois nos vemos no meio da ação em uma partida de hóquei. Há mudanças instantâneas, que mantêm os espectadores de olhos arregalados. Pode também haver um personagem andando casualmente ao ar livre e um segundo depois aparecer o plano de detalhe de uma bola de hand-ball batendo em uma parede. Este tipo de efeito ataca o espectador e desperta-o. Ele não sabe exatamente o que está acontecendo até a cena explicativa de grande angular que se segue.

Finalmente, terminada a filmagem e refilmagem, eu tinha que reduzir uma hora de filme, para 16 minutos. Às vezes, eu não sabia se estaria tudo pronto no dia 15 de setembro, término do prazo para a inscrição de meu filme no concurso.

O som também deu muito trabalho. Usei um gravador de fita estereofônico. Primeiro, encontrei a música de fundo certa, indo à discoteca e consultando todos os discos de trilhas sonoras cinematográficas. Escolhi para

usar em meu filme a trilha sonora depressivamente séria de “Quem Tem Medo de Virginia Wolf”.

As partes sonoras especiais de meu filme foram as seqüências do grupo de rock. Por um palpite, meu efeito de filmar nosso grupo e tocar um disco deu resultado extremamente bom. Depois da montagem apropriada, parecia que o grupo tocando no filme estava também tocando no som, em sincronização quase perfeita.

Depois de escolhida a música, rodei a fita e o filme, e gravei minha voz, dizendo quando chegava cada mudança de seqüência. Em seguida, no canal estereofônico oposto, gravei a música de acordo com minhas orientações faladas, registradas antecipadamente no outro canal. Depois, usando o cronômetro, ouvi de novo minha voz e marquei as mudanças de seqüência. Em seguida, escrevi toda a narrativa do rapaz, que contaria sua história. Com cuidado, eu próprio fiz a voz, a fim de obter as expressões certas que desejava. Precisei repetir algumas partes até trinta vezes, pois eu lia as palavras e tentava ao mesmo tempo obter exatamente o efeito certo.

Assim, finalmente às 6 horas da manhã de 15 de setembro eu terminei. Não dormi naqueles dois últimos dias antes do término do prazo.

* * *

O Sr. Levitt diz que levou oito meses para completar seu filme. Você não precisará gastar tanto tempo, mas não espere realizar um bom filme em uma única tarde de domingo. Levitt aparentemente fez um bom filme porque se deu ao trabalho de pensar em tudo e planejou sua produção cuidadosamente. Seu principal investimento foi tempo, não dinheiro ou equipamento. Rodou seu filme, de fato, com uma câmara cinematográfica semelhante a outras milhares de câmaras. Precisou de algumas peças de equipamento para montar o filme de modo que as cenas separadas, depois de coladas, desenvolvessem de maneira eficiente sua história, mas esse equipamento não é caro. Preparou a trilha sonora em fita de gravação com equipamento não mais complexo do que o encontrado em numerosas escolas e residências — muita coisa tirada de pouco.

O Sr. Levitt precisava de mais uma coisa para produzir seu filme: gente. Você também precisará. Precisarás talvez de alguém para filmar enquanto você representa ou para representar enquanto você filma. Talvez precise de alguém com um sistema de gravação doméstica para ajudá-lo a preparar a trilha sonora. As melhores pessoas com quem trabalhar provavelmente serão outros realizadores independentes. Mostrar-se-ão mais seguras, compreensivas e instruídas. Bons lugares onde encontrar outros cineastas são as classes em cursos de cinema, em escolas secundárias e colégios. Cineastas amadores formam clubes para trocar idéias e equipamentos, e certos clubes sociais desenvolvem um cineclube com os mesmos propósitos. Espero que seus colegas realizadores juntem recursos para promover festivais de vez em quando. Isso

porque, além de precisar de gente para ajudá-lo a fazer seu filme, você precisa também de espectadores a quem exibi-lo. Precisa da realimentação, o aplauso — ou a falta de aplauso — a fim de crescer como realizador de cinema. Realização de filme é um empreendimento, ao mesmo tempo, pessoal e social.

Uma palavra a meu respeito: eu leciono crítica e realização de filme em um colégio da Califórnia. Todas as realizações descritas neste livro (e eu descrevo muitos) foram feitas por meus alunos — todos principiantes. Meu colégio não pode dar-se ao luxo de um programa caro de realização de filmes. Nós filmamos e trocamos equipamento, improvisamos, nos viramos. Realizamos pelo menos dois festivais por ano para benefício dos cineastas, seus amigos e todas as pessoas da cidade que possam estar interessadas; e todos, penso eu, estão bastante felizes com os resultados. Não que todos os filmes feitos por meus alunos sejam obras-primas; também nem todos os filmes que descrevo neste livro foram inteiramente bem sucedidos. A atmosfera desses festivais não é competitiva, embora as pessoas inevitavelmente façam comparações. É, antes, uma atmosfera cálida e pessoal, uma oportunidade para trocar idéias sobre filmes, em lugar de separar candidatos em ganhadores e perdedores. Nesses festivais os espectadores sentem-se provavelmente mais impressionados pelo fato de jovens chegarem a fazer filmes, de jovens se darem ao trabalho de expressar-se através de tecnologia. Impressionante, também, para mim pelo menos, é como esses jovens usam a mesma tecnologia para fins novos e humanos. Esta, sugiro eu, é a beleza essencial da realização do filme de autor.